

## UMA ESTÁTUA DE *MARS ULTOR* DE *FELICITAS IULIA OLISIPO* (LISBOA)? EM BUSCA DE UMA ESTÁTUA PERDIDA

A *MARS ULTOR* STATUE FROM *FELICITAS IULIA OLISIPO* (LISBON)? THE QUEST FOR A LOST STATUE

CARLOS FABIÃO\*

### RESUMO

Na sequência da reconstrução da cidade de Lisboa depois do grande terremoto de 1755, foi identificado em 1771 um edifício termal público de época romana, usualmente conhecido como *Thermae Cassiorum*, por uma inscrição ali encontrada, no sítio das Pedras Negras, local onde se ergueu o Palácio do Correio Mor do Reino.

No interior do arruinado edifício foi encontrada uma estátua couraçada em mármore branco de excelente qualidade, da qual existem três descrições, realizadas por diferentes informadores, Thomaz Caetano de Bem, Caetano Joze Mendes e Manuel Rodrigues Maia. Compilando a informação existente é possível supor tratar-se de uma estátua de *Mars Ultor*, seguindo o modelo dos Museus Capitolinos de Roma: estátua couraçada em tamanho natural, cabeça barbada com elmo ornado, segurando no braço esquerdo um escudo e com *caligae* nos pés. Os informadores dizem que a estátua foi guardada na Sala do Risco, o que significa ter recebido à época o devido cuidado e atenção. Contudo, não se conhece o seu paradeiro, nem nenhum desenho da mesma.

As razões do seu “desaparecimento” poderão ser: ter dado entrada em alguma colecção privada onde ainda se conservará (a menos provável), ter sido levada pelas tropas francesas ou inglesas, no decurso da Guerra Peninsular. A busca do seu paradeiro tem de continuar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estátua; *Mars Ultor*; *Olisipo*; *Lusitania*.

### ABSTRACT

During the reconstruction of Lisbon, after the 1755 great earthquake, a Roman public bath house was found in 1771, usually known as *Thermae Cassiorum* from an inscription found there, at the Pedras Negras area, where the new Palace of Royal Post was build.

---

(\*) Faculdade de Letras, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq) cfabiao@campus.ul.pt

Inside the ruined bath house was found a *thoracata* statue in excellent white marble, about which we have three different sources, Thomas Caetano de Bem, Caetano Joze Mendes and Manuel Rodrigues Maia. Compiling all information it is plausible to suppose that the statue depicts *Mars Ultor*, after the Capitoline's Museums model from Rome: *thoracata* statue in regular size, beard head with crested ornamented helmet, holding a shield in the left arm and with *caligae* wearing its feet. All informers said the statue was kept at Sala do Risco, which means it was careful kept after the recovering. Unfortunately we know nothing about its actual location and neither a single drawing of the statue is known.

The explanations for the strange vanishing of the statue may be: the statue is closed in some private collection (less probable); being spoiled by French or British troops at the end of the Peninsular War. The quest for this vanishing statue must go on.

**KEYWORDS:** Statue; *Mars Ultor*; *Olisipo*; *Lusitania*.

### Uma explicação

Participar no volume de homenagem a José María Álvarez Martínez constituía um imperativo, pelo Homem, pela sua Obra e pela forma afável a pedagógica com que me ensinou a olhar a província romana da *Lusitania* como uma unidade, esbatendo a fronteira histórica, que criou dois países distintos nessa antiga unidade. Trazer a este volume um tema olisiponense, uma obrigação, por se tratar do principal porto da *provincia*, lugar chave de onde a *Lusitania* comunicava com o Império e o Império entrava na *Lusitania*.

Infelizmente, a Pandemia que entrou nas nossas vidas neste ano de 2020 limitou bastante o desenvolvimento do trabalho (pelo encerramento das Bibliotecas). Que me perdoe D. José María pelas limitações do presente texto, que me perdoem também os leitores.

### 1. Lisboa depois do grande terramoto de 1755: a descoberta de *Olisipo*

Como em outro lugar comentei<sup>1</sup>, na esteira do grande olisipógrafo Vieira da Silva<sup>2</sup>, há um antes e um depois do terramoto de 1755, no conhecimento da cidade romana que se encontrava no local onde depois existiu Lisboa. Antes do terramoto, de *Olisipo* conheciam-se escassos vestígios, sobretudo algumas (poucas) epígrafes, era mais o lugar de elogios retóricos, ao jeito tradicional da literatura apologética Humanista, desde essa Lisboa que era mais antiga que Roma, de Francisco de Holanda<sup>3</sup> à Lisboa das sete colinas, como Roma, de Damião de Góis<sup>4</sup>, para mencionar somente um par de casos.

(1) FABIÃO, Carlos. "Ler as Cidades Antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa". *Penélope – Fazer e Desfazer a História*, 13, 1994, págs. 147-162.

(2) SILVA, A. Vieira da. *Epigrafia de Olisipo (subsídios para a história da Lisboa romana)*. Lisboa, 1944, págs. 10-93.

(3) D'HOLANDA, Francisco [1571] 1984. *Da Fábrica Que Falece à Cidade de Lisboa* (manuscrito de 1571, inédito até 1879), edição de José da Felicidade Alves. Lisboa 1984, Fl. 4 e 4vº.

(4) GÓIS, Damião de [1554] 1988. *Descrição da Cidade de Lisboa*, tradução de *Urbis Olisiponis Descriptio* (Évora, 1554) por José da Felicidade Alves. Lisboa, 1988.

Com o grande terramoto de 1755, mais com o processo de desaterro e reconstrução da cidade do que com o cataclismo propriamente dito, emergiu uma nova imagem da cidade romana, não já feita apenas de memórias epigráficas, mas do registo da sua materialidade concreta. Primeiro, com a identificação do criptopórtico da zona baixa da cidade, onde se ergueu o novo urbanismo hipodâmico iluminista<sup>5</sup>, em 1770, com novos troços identificados em 1773 e 1780<sup>6</sup>, depois, parte de um edifício termal público, as chamadas *thermae cassiorum* a partir de uma inscrição ali existente<sup>7</sup>, finalmente, o teatro, identificado em 1798<sup>8</sup>. Acompanhando a identificação dos edifícios, foi sendo registado um mais vasto conjunto de inscrições e foram sendo feitas tentativas várias de salvaguarda de muitas delas, nem sempre com sucesso<sup>9</sup>.

De entre os eruditos que à época se envolveram na recolha da informação que ia surgindo ou das epígrafes que se podiam salvaguardar merece destaque Frei Manoel do Cenáculo Villas-Boas, nome maior do iluminismo português e da história da Arqueologia no ocidente da Península Ibérica<sup>10</sup>. Embora estivesse particularmente envolvido nas iniciativas de resgate dos vestígios romanos olisiponenses, a partir do Convento de Jesus, a carreira de Cenáculo acabaria por levá-lo para fora da cidade de Lisboa, a partir de 1777, primeiro, para a direcção da novel constituída diocese de Beja, depois, para a arquidiocese de Évora<sup>11</sup>. Nas suas deambulações alentejanas, Cenáculo levou consigo algumas das epígrafes olisiponenses<sup>12</sup>, mas também e sobretudo a documentação que foi reunindo. Por essa razão se conserva hoje na Biblioteca Pública de Évora o seu imenso acervo documental, desde a vastíssima correspondência ao seu *Diário* pessoal, bem como muita outra documentação que mereceria ser sistematicamente prospectada na recolha da informação arqueológica que contem. Entre os papéis de Cenáculo conservam-se alguns dos mais antigos documentos relacionados com os edifícios descobertos durante a reconstrução da cidade de Lisboa, como a primeira planta digna esse nome do criptopórtico ou as mais antigas plantas do teatro, anteriores à entrada em cena do arquitecto italiano Francisco Xavier Fabri<sup>13</sup>. Encontra-se também na Biblioteca Pública de Évora a mais interessante documentação sobre o desaterro de parte do edifício termal público conhecido pela designação de *thermae cassiorum*. Não é a única documentação sobre aquele edifício. Existe também a conhecida *Carta* do Padre Thomaz Caetano de Bem, publicada em 1755<sup>14</sup>, resumida e trabalhada por Borges de Figueiredo<sup>15</sup>. Por persistir algum desconhecimento sobre esta planta, faz sentido apresenta-la aqui.

(5) FRANÇA, José-Augusto. *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. 2ª ed., Lisboa, 1977.

(6) FABIÃO, Carlos, *Op. cit.* pág. 150.

(7) *Ibidem*.

(8) *Ibidem* e “Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa”. In: Pimentel, M. C.; Alberto P. F. (eds.) *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*, Lisboa, 2013, págs. 389-409.

(9) SILVA, A. Vieira da, *Op. cit.*

(10) MARCADÉ, J. *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas Évêque de Beja, Archevêque d'Evora*. Paris, 1978.

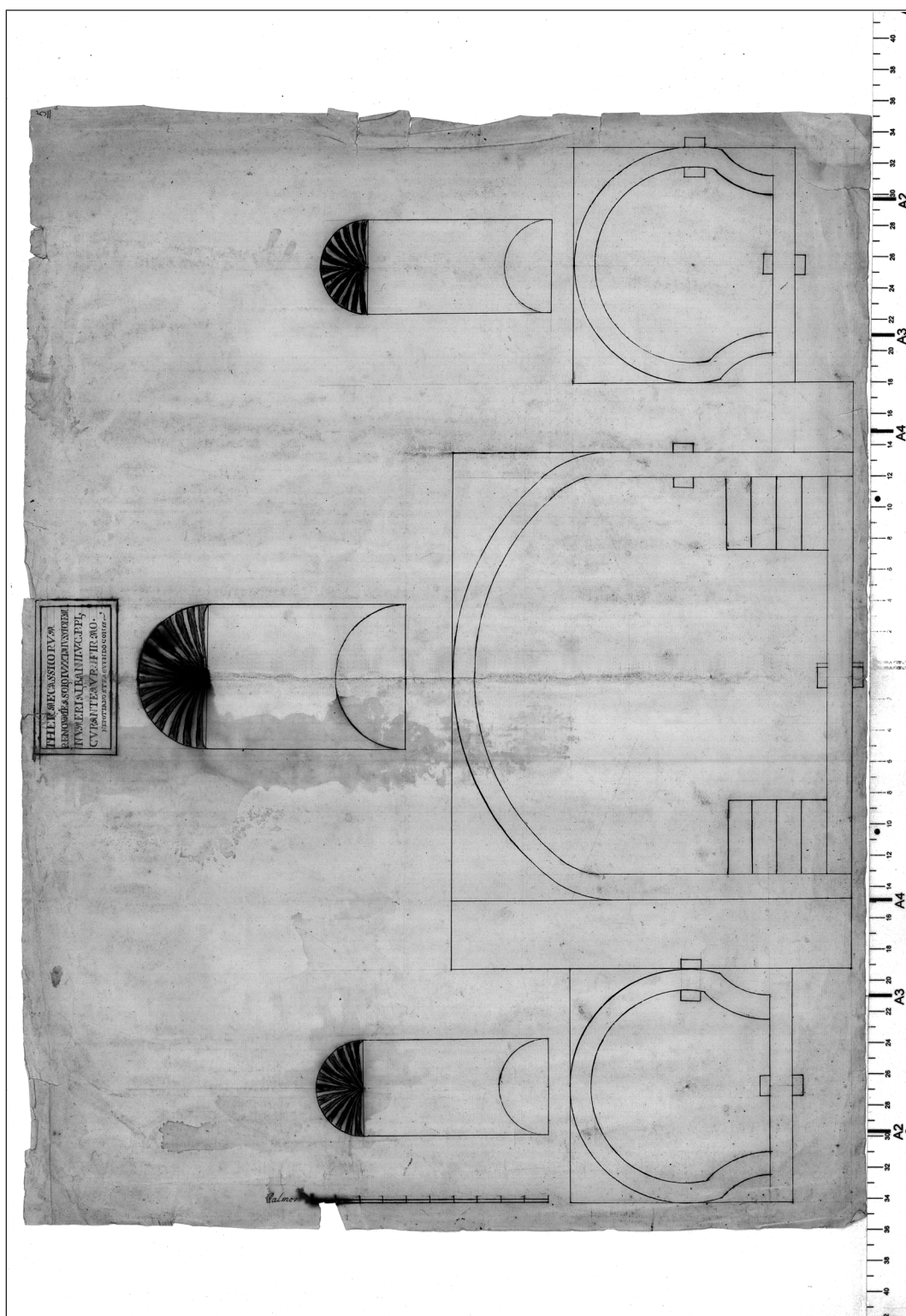
(11) *Ibidem*.

(12) SILVA, A. Vierira da, *Op. cit.*

(13) FABIÃO, Carlos, *Op. cit.* 2013.

(14) BEM, Thomaz Caetano de, *Notícia das Thermas ou banhos cassianos e outros monumentos romanos, modernamente descobertos na Cidade de Lisboa*. 1755. In: Oliveira, Cristóvão Rodrigues de, *Symario em qve brevemente se contem algvas covsas (assi eclesiásticas como secvlares) qve há na cidade de Lisboa*, 2ª ed., Lisboa, págs 153-176.

(15) FIGUEIREDO, Borges de, “As Thermas dos Cassios, em Lisboa”, *Revista Archeologica, Estudos e Notas*, Vol. III, 1889. Págs. 153-154.



Desenho de grande formato, com escala, representando o conjunto das ruínas das chamadas Thermæ Cassiorum identificadas em Lisboa, em 1771. (Biblioteca Pública de Évora, Gaveta 8, pasta nº 2, Documento 5.



Por razões várias, nem sempre claras, o trabalho de Figueiredo sobre a *Carta* de Caetano de Bem, tem constituído a principal fonte de informação sobre o edifício termal<sup>16</sup>; embora resulte claro que o ensaio de reconstituição das ruínas que fez não corresponda ao que foi de facto encontrado e observado na década de 70 do século XVIII – Pilar Reis, que realizou um consistente e extenso estudo sobre os edifícios termais da *Lusitania*, não chegou a ver a documentação de Cenáculo, por se encontrar aparentemente extraviada na Biblioteca Pública de Évora, na sequência da reestruturação do acervo<sup>17</sup>. Por esta razão, creio que se justifica a publicação do desenho que acompanha a carta de Manuel Rodrigues Maia, por se tratar da mais fidedigna imagem das ruínas então desaterradas. Embora o autor do desenho não esteja identificado, terá sido alguém, que não o Professor Régio de Gramática Latina Manuel Rodrigues [Roiz] Maya, que não deveria possuir competência para o realizar (Figura).

Não é sobre o edifício termal que este trabalho se ocupa, mas sim sobre uma estátua que se encontrava no seu interior. Da estátua, havia a notícia de Caetano de Bem, por diferentes autores citada, mas há entre os papéis de Cenáculo, conservados na Biblioteca Pública de Évora, dois documentos que permitem elevar para três o número de fontes disponíveis sobre aquela escultura romana, que merecem ser consideradas.

## 2. As fontes sobre a estátua encontrada no interior das *thermae cassiorum*

São basicamente três as fontes de que dispomos sobre a estátua encontrada nas ruínas do edifício termal público conhecido pela designação de *thermae cassiorum*, a partir da inscrição encontrada *in situ* embutida em uma das paredes e publicada por mais de uma dezena de autores<sup>18</sup>. Interessa, respectivamente, a Carta de Thomaz Caetano de Bem, Académico da Real Academia da História Portuguesa e cronista-mor da Casa Real portuguesa<sup>19</sup>, o documento mais conhecido e sempre citado<sup>20</sup>; e o conteúdo da Pasta com o nº 2, guardada na Gaveta 8 da Biblioteca Pública de Évora. Na pasta, para além de outros documentos regista-se a presença de:

Documento 5, desenho de grande formato das ruínas, com escala gráfica, com reprodução da inscrição *in situ*, sem identificação de autor, mas obviamente relacionado com a carta de Manuel Rodrigues [Roiz] Maya (Figura);

Documento 6, cópia do mesmo desenho, de menor formato;

Documento 26, cópia da inscrição em tamanho natural, presumivelmente um decalque – foi reproduzido na obra de Vieira da Silva dedicada à epigrafia olisiponense<sup>21</sup>;

(16) MOITA, Irisalva e LEITE, Cristina 1986. “Recuperar Olisipo a Partir de Lisboa”. *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985)*. Lisboa, págs. 59.60; FERNANDES, Lídia. “Capitel das *Thermae Cassiorum* de Olisipo (Rua das Pedras Negras, Lisboa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12 (2), 2009, págs. 191-207.

(17) REIS, Maria Pilar Miguel dos. *De Lusitaniae urbium balneis : estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Coimbra: [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 263, nota 870.

(18) SILVA, A. Vieira da, *Op. cit.* EO 22.

(19) PIWNICK, Marie-Hélène. *Echanges Erudits dans la Péninsule Ibérique (1750-1767)*. Paris, 1987. Pág. 161.172.

(20) BEM, Thomaz Caetano de, *Op. cit.* e FIGUEIREDO, Borges de *Op. cit.*

(21) SILVA, A. Vieira da, *Op. cit.* EO 22, pág. 114.

Documento 27, Carta / *Memória* autógrafa de Manuel Rodrigues [Roiz] Maya, de 24 de Abril de 1776 (tem junto uma transcrição da inscrição [Documento 28] e remete por mais de uma vez para o desenho acima referido como Documento 5);

Documento 30, Carta de Caetano Jose de Mendes, de 1 de Maio de 1776, dirigida a Alexandre Ferreira de Faria Manoel contendo cópia da inscrição de *Martiali*<sup>22</sup>), remetida para o Convento de Jesus. Tem uma espécie de adenda aludindo às termas dos Cássios. Refere que a ara apareceu no pátio do palácio arruinado dos Srs. de Murça (a cópia da ara está em documento anexo [Documento 31]). Esta adenda apresenta uma interessante descrição da estátua, que em outro lugar comento;

Documento 32, Carta de Caetano Jose Mendes, datada de 20 de Abril, endereçada a António Jose Correia, sobre uma inscrição aparecida na zona da Igreja de St. Antonio – IVLIA Q FAQVAE MATER<sup>23</sup>. Refere também que remete a cópia da inscrição dos Cássios:

*“Outra copia de huma inscrição remeto / a qual se achou em huns subterraneos de abobeda / que se descobriram na excavação que se faz para / a obra do Correio Mor no citio [sic] onde foi o Correio; / a inscrição he pintada sobre a cal de huma parede; algumas Letras estão gastas, outras se conhe / cem muito bem”.*

É possível identificar alguns dos agentes desta documentação, nomeadamente António José Correia, um dos colaboradores próximos de Manoel do Cenáculo, e Manuel Rodrigues [Roiz] Maya, Professor Régio de Gramática Latina, natural de Minde, mas estabelecido em Lisboa, com tratados de gramática publicados, mas também prolífero autor de poesia e teatro e textos satíricos de cordel, sob pseudónimo – sobre o autor e sua obra, veja-se a relação recentemente fixada por Andreia Amaral, que em muito enriquece e actualiza os dados publicados por Inocêncio e outros<sup>24</sup>. A esta relação pode acrescentar-se, pelo seu interesse, a presente carta autógrafa. Dos restantes, Caetano Jose Mendes e Alexandre Ferreira de Faria Manoel nada consegui apurar.

Embora as ruínas do edifício e, sobretudo, a inscrição constituam as referências recorrentes, três destes autores, respectivamente, Caetano de Bem, Rodrigues Maia e Caetano Jose de Mendes apresentam descrições da estátua encontrada no seu interior.

No interior do edifício, escreveu Thomas Caetano de Bem em, *sobre as chamadas termas dos Cássios, identificadas em Lisboa, na sequência das obras de reconstrução da cidade que se seguiram ao grande terramoto de 1755, no ano de 1771, no sítio das Pedras Negras*, foi encontrada:

*“(…) uma estatua de excelentes mármore, de cor branca, e de figura humana. No rosto, em um braço, e em huma perna se via algum tanto damnificada. A sua estatura era ordinária; vestida segundo o traje militar dos Romanos; o seu ornato*

(22) SILVA, A. Vieira da, *Op. cit.* EO 22.

(23) SILVA, A. Vieira da, *Op. cit.* EO 38.

(24) AMARAL, Andreia. *A Josefinada de Manuel Rodrigues Maia: um poema joco-sério sobre um caso de plágio no final de setecentos*. Porto, 2007, págs. 33-73.

*porém segundo o habito imperatório, ou dos generaes Romanos. No elmo christa e folhagem, o collo ou pescoço nu; e o corpo representava coberto de aço, ou ferro no modo que chamam armas brancas. Na parte exterior d'estas, e sobre o peito se via a figura do sol; e logo mais abaixo, ou sobre o ventre a figura de duas esfinges, ou serpentes com azas, rosto humano, e o braço do cotovelo por deante nu. Da mão esquerda pendente um escudo, também de mármore; em que se via gravada a figura de uma Loba dando de mamar a dois meninos, isto é Romulo e Remo, também nus. O pé calçado também ao modo Romano; isto é somente com a cáliga, e o mais da perna até ao joelho nu”.*

A estátua estaria no interior de um dos nichos identificados<sup>25</sup>.

A descrição apresentada por Manuel Rodrigues Maia é interessante, não só em si mesma, mas pelas indicações que nos dá sobre o contexto em que se encontrou a estátua:

*“Entre o entulho desta casa se achou o tronco de huma estatua / de chaspe[?]. A cabeça separada, e com a metade do rosto fora, que se não / achou, da mesma sorte q o braço direito, e a perna esquerda. Tem bar / bas não muito grandes, hum capacete na cabeça e o demais corpo vesti [sic] / de armas: No peito tem esculpido o sol com azas, e de baixo do cinto, / q lhe cinge as armas, as cabeças de duas serpentes coroadas, tão bem com / azas, cujos corpos estão esculpidos no demais das armas. Ao braço es / querdo falta a mão, q' está pegada ao escudo, q' tem em si esculpidos / os dois Meninos Romulo, e Remo mamando na loba, de q se vê som.te / a metade posterior, por faltar a metade do escudo. Pela falta deste, / e pela do braço, e perna e juntam.te por huma parede, q se achou feita dentro / do tanque, obra mtº mais moderna, se collige, q já este Edificio foi n'outro / tempo descoberto, e q'então se dezemcaminhão as coisas, q agora se acha / rão menos. A estatua está na Casa do Risco.” §*

Caetano Jose de Mendes, na adenda à sua carta de 1 de Maio de 1776 dirigida a Alexandre Ferreira de Faria Manoel, refere nestes termos a estátua:

*“(...) em se ter achado hum tronco de hum corpo; isto / he sem braços nem péz nem cabeça; a cabeça / apareceo solta, mas não completa o tronco esta / va vestido com huma cota muito perfeita, sobre / o peito a figura do sol com duas azas; em / huma abrochadura tinha duas serpentes com / azas; no lado esquerdo em baixo tinha em meio / relevo os dous meninos mamando na loba, em / quanto á pedra fez se juízo q'era da Italia por não / ser da qualidade das nossas. / foi para a caza do risco.”*

Reunindo e comparando as descrições dos três autores, com o particular interesse de constituírem observações independentes entre si, resultem ou não da observação directa das ruínas e das circunstâncias de recolha da estátua, permitem-nos formar uma ideia sobre a mesma.

(25) FIGUEIREDO, Borges de, *Op. cit.* pág. 153.

### 3. Identificação da estátua encontrada no interior do edifício termal

Segundo as fontes disponíveis, tratava-se de uma escultura de vulto redondo de dimensão natural, segundo Caetano de Bem, o único autor que alude às suas dimensões, sendo omissos neste particular os restantes. Provavelmente uma peça importada: *“Mármore branco de excelente qualidade”*, segundo Caetano de Bem, *“mármore de Itália, por não ser da qualidade das nossas”*, nas palavras de Caetano José Mendes, de *“jaspe”*, é o que parece ler-se na carta de Rodrigues Maia, embora a palavra coloque dificuldades de leitura. Em qualquer dos casos, os autores são unânimes na referência à elevada qualidade do material de suporte. No entanto, não deixamos de ter presente que nenhum deles teria um profundo conhecimento sobre os materiais e tampouco teriam conhecimentos sobre escultura romana para capazmente aferir da qualidade relativa da obra.

A estátua não se encontrou inteira. Deixando de lado o depoimento de Mendes, o mais lacónico de todos, que a descreve como *“hum tronco de hum corpo; isto he sem braços nem péz nem cabeça”*, ainda que adiante que a *“a cabeça / apareceo solta”*, deve tomar-se em devida conta as referências dos restantes autores, bem mais interessantes. Caetano de Bem refere que *“No rosto, em um braço, e em huma perna se via algum tanto damnificada”*, para seguidamente informar que *“o braço do cotovelo por deante nu. Da mão esquerda pendente um escudo, também de mármore (...) O pé calçado também ao modo Romano; isto é somente com a cáliga, e o mais da perna até ao joelho nu”*. Ainda mais preciso na descrição é Rodrigues Maia: *“o tronco de huma estatua de chaspe[?]. A cabeça separada, e com a metade do rosto fora, que se não achou, da mesma sorte q o braço direito, e a perna esquerda”*. Os relatos cruzados, a que se acrescentam outros detalhes, permitem-nos ter uma ideia do estado de conservação da estátua. Faltava-lhe o braço direito e a perna esquerda. As fracturas seriam antigas, como concluiu Maia, visto que os fragmentos em falta não se encontraram. Esta observação é particularmente interessante pois faz crer que a estátua não se encontraria em contexto primário.

Sobre a cabeça, destacada do corpo, embora ao que parece por estar partida e não por ser elemento móvel, as descrições são esclarecedoras: *“no elmo christa e folhagem”*, segundo Caetano de Bem, *“Tem barbas não muito grandes, hum capacete na cabeça”*, escreve Rodrigues Maia, Caetano José Mendes não faz referência às características da cabeça. Trata-se, pois, de uma figura com velo facial, não muito espesso, ainda que não seja fácil determinar o que seria para um observador do século XVIII uma barba não muito grande, e com um capacete que, nas palavras de Caetano de Bem, poderemos entender como um elmo, talvez de tipo neo ático, pela referência à crista e folhagem. Estes apontamentos descritivos são particularmente relevantes.

O torso era uma estátua couraçada: *“o corpo representava coberto de aço, ou ferro no modo que chamam armas brancas. Na parte exterior d’estas, e sobre o peito se via a figura do sol; e logo mais abaixo, ou sobre o ventre a figura de duas esfinges, ou serpentes com azas, rosto humano”*, na referência de Caetano de Bem, *“o demais corpo vesti [sic] de armas: No peito tem esculpido o sol com azas, e de baixo do cinto, q lhe cinge as armas, as cabeças de duas serpentes coroadas, tão bem com azas, cujos corpos estão esculpidos no demais das armas.”*, na observação



de Rodrigues Maia, “o tronco estava vestido com huma cota muito perfeita, sobre o peito a figura do sol com duas azas; em huma abrochadura tinha duas serpentes com azas”, escreveu Mendes.

Para uma correcta contextualização destas descrições, devemos ter em consideração que faltavam a estes eruditos as referências, quer de observação directa, quer de gravuras, que lhes permitissem descodificar a iconografia. Por isso, a cabeça alada(?) de Gorgona, no peito couraçado foi entendida como um sol com asas e os animais fantásticos decorando o torso registados de diversas formas, embora seja talvez Caetano de Bem quem mais se aproxima do tema quando fala de esfinges com asas e rosto humano, uma descrição aceitável para o motivo dos grifos afrontados, que deveria ser a decoração. Podemos admitir tratar-se dos grifos afrontados em olhar frontal e não de cabeças voltadas, uma vez que este detalhe, a verificar-se, não deveria escapar aos observadores.

No que diz respeito ao calçado, verificado na única extremidade inferior que se conservava, só Caetano de Bem menciona a *caliga* do pé direito, cruzando esta informação com a de Rodrigues Maia, que refere “*que se não achou, da mesma sorte q o braço dereito, e a perna esquerda*”. Mais lacónico, Mendes limita-se a dizer que a estátua não tinha “*braços nem pés*”. Igualmente, pela falta de conhecimentos, não podemos esperar que esta referência à *caliga* constitua uma objectiva diferenciação de um possível *muleus*. Para tal não chegaria de todo o conhecimento de Caetano de Bem.

Fundamental nas descrições é a referência ao escudo, que se conservava do lado esquerdo: “*Da mão esquerda pendente um escudo, também de mármore; em que se via gravada a figura de uma Loba dando de mamar a dois meninos, isto é Romulo e Remo, também nus*”, como descreve Caetano de Bem; “*Ao braço esquerdo falta a mão, q’ está pegada ao escudo, q’ tem em si esculpidos os dois Meninos Romulo, e Remo mamando na loba, de q se vê som.te a metade posterior, por faltar a metade do escudo*”, escreveu Maia; “*em baixo tinha em meio relevo os dous meninos mamando na loba*”, segundo Caetano José de Mendes.

O motivo da loba alimentando os gémeos Rómulo e Remo é perfeitamente compatível com a presença física de Marte, o seu pai. Não se percebe pelo depoimento dos autores se esta representação estaria no umbo do escudo ou, pelo contrário, ocupando toda a sua superfície. A referência a encontrar-se partido o escudo não é suficiente para esclarecer este detalhe. Não conheço outros casos em que o tema apareça decorando o escudo de *Mars Ultor*.

Reunindo as diferentes descrições conseguimos chegar a uma imagem da estátua, seus atributos e estado de conservação. Trata-se de uma estátua couraçada (*thoracata*) representando personagem com velo facial, capacete e escudo, os atributos típicos da iconografia de Marte, não identificados entre as outras estátuas couraçadas registadas na Península Ibérica, até à década de setenta do século XX<sup>26</sup>. A descrição sugere tratar-se de uma representação de *Mars Ultor* reproduzindo o modelo dos Museus Capitolinos: a cabeça barbada com um elmo de possível estilo

(26) ACUÑA FERNÁNDEZ, Paloma. *Esculturas militares romanas de España y Portugal. I. – Las esculturas thoracatas*. Roma, 1975.

neo ático, de “*crista e folhagem*”, o escudo, em baixo, pendente da mão esquerda junto da perna, que no entanto não se conservava, uma vez que somente a perna direita com o pé calçado sobreviveu. A falta do braço direito é compreensível, uma vez que se projectava para fora do corpo, sendo por essa razão o elemento mais frágil. Uma vez mais, notável neste caso é a presença do tema da loba alimentando os gémeos no escudo da estátua, embora não seja estranha a associação de ambos temas na representação de um modelo referencial de Roma.

Não surpreene que os nossos eruditos não ensaiassem nenhuma identificação da personagem representada. Todos eram eruditos da palavra escrita, nenhum pintor ou escultor. Recorde-se também que, em matéria de conhecimento da grande Arte Clássica e sua iconografia, se estava então, literalmente, na “infância da arte”, estes eruditos foram contemporâneos de Winckelmann e nada indica que conhecessem as suas obras, então de muito próxima publicação.

Quanto à relação que me parece clara com o a imagem colossal de *Mars Ultor* dos Museus Capitolinos, também não seria possível para estes eruditos portugueses o estabelecimento de tal comparação. A estátua recolhida no fórum de Nerva, no século XVI, andou de mão em mão até ser adquirida pelo Papa Clemente XII em 1736 e transportada para a colina do Capitólio, em 1740, quando ainda era tida como a representação plástica do rei Pirro - segundo informação constante da ficha da peça no *website* dos Museus Capitolinos: <http://capitolini.info/scu00058/?lang=en>.

Se é compreensível a incapacidade dos eruditos de setecentos, para a leitura iconográfica da estátua olisiponense, menos compreensível será a persistente dificuldade em estabelecer uma identificação para a peça entre os autores contemporâneos, que insistiram em referi-la como estátua de guerreiro<sup>27</sup>, como se de plástica pré-romana se tratasse. Por diversas vezes me referi a esta estátua como uma possível representação de Marte, sem todavia ter apresentado os fundamentos desta interpretação, faço-o agora nestas páginas.

A dificuldade em perceber o que poderia estar a fazer uma estátua de *Mars Ultor* no interior de um estabelecimento público de banhos, reformulado *a solo juxta jussionem*, em 336<sup>28</sup> parece razoavelmente esclarecida pela argúcia de Rodrigues Maia que assim explica a falta dos fragmentos da estátua: “*Pela falta deste [refere-se a parte do escudo] e pela do braço, e perna e juntam.te por huma parede, q se achou feita dentro do tanque, obra mtº mais moderna, se collige, q já este Edificio foi n’outro tempo descoberto*”. A observação é relevante não tanto sobre o lamento acerca dos elementos em falta da estátua, mas sobretudo pela parede mais recente identificada no interior do grande tanque desaterrado. Esta parede deve relacionar-se com alguma utilização que o edificio termal conheceu, depois do abandono da sua função primária. Assim, o contexto de deposição dos restos da estátua estaria relacionado com estes usos mais tardios e com o abandono da função primária do edificio. Maia parece em tudo um observador mais criterioso e arguto que Caetano de Bem, que supôs estar a estátua no interior do nicho que dominava o grande tanque, logo abaixo da inscrição.

(27) SILVA, A. Vieira da, *Op. cit.*, pág. 90; MOITA, Irisalva e LEITE, Cristina *Op.cit.*, pág. 62.

(28) SILVA, A. Vieira da, *Op. cit.*, EO 22.

As fontes disponíveis são unânimes em afirmar que a peça foi guardada na Sala do Risco, que era então o centro da planificação das obras de reconstrução da cidade<sup>29</sup>.

#### 4. *Mars Ultor* em Olisipo

Pelo seu carácter oficial, a estátua de *Mars Ultor* deveria estar primitivamente no *forum* da cidade, de localização ainda não determinada, embora vários autores proponham a sua implantação na encosta, em cota imediatamente abaixo da implantação do grande edifício termal público<sup>30</sup> – opinião que não partilho<sup>31</sup>. Esta proposta da implantação do edifício forense prende-se em boa parte com a identificação de uma “*fabrica romana grande, e majestosa*”, com imponentes colunas e um capitel de ordem jónica, que não se conservou, conhecida ainda antes do grande terramoto de 1755, uma vez mais, pela testemunho de Caetano de Bem<sup>32</sup>. Nesta escavação, realizada para a construção de um novo edifício, que resistiu ao terramoto e ainda hoje ocupa o lado Norte do Largo da Madalena, foram encontradas cinco inscrições, de que se conservam quatro embutidas na parede e com a face epigrafada visível<sup>33</sup>. De entre elas, há duas dedicatórias à *Magna Mater*<sup>34</sup>, razão pela qual se tem defendido que seria o templo consagrado a essa divindade<sup>35</sup>. Independentemente da consagração do templo e da época da sua construção – uma das dedicatórias à *Magna Mater* data dos inícios do século II (a ara de Flávia Thiche - EO 25) e um fragmento de capitel jónico recolhido recentemente nas suas imediações foi considerado obra tardia, pertencente à reconstrução das *thermae cassiorum* e não a este templo<sup>36</sup>. Não creio que se possa estabelecer uma relação directa entre a estátua em apreço e este edifício. Em uma cidade construída em plataformas descendo em direcção ao rio, estes elementos, uma vez perdida a sua função, tendem a descer encosta abaixo, não a subir a cotas mais elevadas, até por se não prestarem a novos usos como material de construção. Assim, não temos uma ideia firme sobre a primitiva localização da estátua, para além de dever ser um elemento do *forum* da cidade.

Assim sendo, uma última indagação prende-se com a presença de *Mars Ultor* em *Olisipo*, uma ocorrência rara, atendendo ao que conhecemos sobre esculturas de divindades no ocidente em época romana, veja-se as recentes sínteses sobre o espaço hoje português<sup>37</sup> ou sobre a *Baetica*<sup>38</sup>, que não assinalam a presença de qualquer escultura de Marte.

(29) SILVA, A. Vieira da, *A Sala do Risco*. Lisboa, Câmara Municipal e Lisboa, 1950.

(30) SILVA, A. Vieira da, *Op. cit.*; MOITA, Irisalva e LEITE, Cristina *Op. cit.*; ALARCÃO, Jorge de “Lisboa romana e visigótica”. In: Arruda, A. M. (dir.), *Lisboa Subterrânea – Catálogo da Exposição*. Lisboa 1994, págs. 58-63.

(31) FABIÃO, Carlos, Modelos Forenses nas Cidades da Lusitânia: Balanço e Perspectivas. In: Nogales Basarrate, T. (Ed.) *Ciudad y foro en Lusitania Romana / Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, 2010, págs. 343-359.

(32) BEM, Caetano de, *Op. cit.* 153 e ss.

(33) SILVA, A. Vieira de, *Op. cit.* EO 25-28.

(34) *Idem* EO 26 e 27.

(35) SILVA, A. Vieira da, *Op. cit.*; MOITA, Irisalva e LEITE, Cristina *Op. cit.*

(36) FERNANDES, Lúcia, *Op. cit.*

(37) GONÇALVES, Luís Jorge Rodrigues. Na intimidade das esculturas: divindades Greco-romanas no território português na época romana. In: Schattner, Th. G.; Guerra, A. (Eds.) *Das Antlitz der Götter – O Rosto das Divindades. Götterbilder im Westen des Römischen Reiches – Imagens de divindades no Ocidente do Império romano*. Wiesbaden: Reichert Verlag (Iberia Archeologica 20), 2019 p.203-224.

(38) BELTRÁN FORTES, José; RODRÍGUEZ OLIVA, Pedro “Esculturas hispanorromanas de divindades en el sur de la Península Ibérica”. In: Schattner, Th. G.; Guerra, A. (Eds.) *Das Antlitz der Götter – O Rosto das Divindades. Götterbilder im Westen des Römischen Reiches – Imagens de divindades no Ocidente do Império romano*. Wiesbaden, 2019, págs. 225-252.

Contudo, *Mars Ulltor* é uma referência importante no quadro da nova ideologia imperial da época de Augusto<sup>39</sup>, com particular destaque no seu *forum* em Roma. Na sequência da afirmação da nova ideologia em espaços provinciais, plasmada na organização e decoração dos novos *fora* construídos, reproduzindo o modelo de Roma, poderia aceitar-se que uma imagem da divindade fosse exportada para a cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*, justamente uma das cidades privilegiadas pelo *Princeps*<sup>40</sup>. Uma afirmação de triunfo nos confins do mundo, na *finis terrae*, ou mesmo sobre o *Oceanus*, um feito exaltado na *Res Gestae* (RGDA.26), justificaria esta distinção.

A presença de um elemento típico da nova ideologia imperial no *forum* olisiponense, enquadrar-se-ia no processo que levou à reprodução destes modelos nos *fora* das novas cidades romanas, com particular destaque para as capitais provinciais, sendo, no caso em apreço, relevante evocar o caso de *Augusta Emerita*<sup>41</sup>. Contudo, ao que parece, esta importação dos modelos do *forum* de Augusto reflectiram-se também em outras cidades importantes<sup>42</sup>, para lá das capitais provinciais. Não custaria a admitir que o mesmo tivesse ocorrido em *Olisipo*, embora não tenhamos outras provas de que tal tenha sucedido.

Por sedutora que pareça esta interpretação, deverá ser tomada com as devidas reservas. O modelo importado, pela sua raridade a ocidente, poderia ser tomado como uma real exportação de escultura acabada, obra talvez de algum centro de produção itálico, tomando à letra os depoimentos das fontes disponíveis, sem perder de vista, que não serão os seus autores os melhores informadores sobre a natureza e qualidade das matérias-primas. O motivo dos grifos afrontados que decoram a couraça é a mesma que exhibe a estátua monumental dos Museus Capitolinos, usualmente tida como cópia da época de Trajano, e não será de mais recordar que é esse também o mais numeroso motivo que decora as estátuas couraçadas da Península Ibérica<sup>43</sup>, o que insinua uma natural dúvida não somente sobre o carácter exótico, supostamente itálico, da estátua olisiponense, mas também sobre a sua cronologia. Na falta de referências mais sólidas, só parecerá legítimo afirmar que esta escultura terá estado em lugar relevante do *forum* de Olisipo, em época indeterminada e aguardar que novas informações possibilitem conclusões mais categóricas.

## Epílogo

Qual é o paradeiro da estátua de *Mars Ultor* de *Olisipo*? É a última e fundamental pergunta deste inquérito.

(39) ZANKER, Paul, *The Power of Images in the Age of Augustus*. Ann Arbor, 1990, págs. 195 e ss.

(40) FARIA, António Marques de, "Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (2), 2001, págs. 351-362.

(41) TRILLMICH, Walter, *Gestalt und Ausstattung des Marmorforums in Merida. Kenntnisstand und Perspektiven*, *Madridrer Mitteilungen*, 36, 1995, págs. 269-291; *Id.* 1996. "Reflejos del programa estatuario del Forum Augustum en Mérida". In: *II Reunión sobre Escultura Romana en Hispania*, Tarragona, 1996, págs. 95-108, NOGALES BASARRATE, Trinidad; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, José M<sup>a</sup>. "Augusta Emerita: reflexiones sobre sus primeros tiempos". In: Cid López, R. M.; García Fernández, E. (eds.) *Debita Verba. Estudios en Homenaje al Professor Julio Mangas Manjarrés*. Oviedo, 2013, págs. 53-73.

(42) PEÑA JURADO, Antonio. "Imitaciones del Forum Augustum en Hispania: el ejemplo de Italica". *Romula* 4, 2005, págs. 137 – 162.

(43) ACUÑA FERNÁNDEZ, Paloma, *Op. cit.*

As fontes são unânimes na afirmação de que teria sido levada para a Sala do Risco, como já comentei. Isto significa que a estátua foi devidamente acautelada e guardada à época do achado, o que nem sempre aconteceu com as antiguidades reveladas pela reconstrução da cidade. Estranhamente, não conhecemos qualquer registo gráfico da escultura, nem outras referências ao seu destino. A fazer fé nas nossas fontes, por se tratar de escultura notável, poderemos supor que foi levada para França ou para Inglaterra, nos espólios decorrentes da Guerra Peninsular. Haverá naturalmente que seguir estas pistas.

Contudo, uma menção do século XIX a um “*Rómulo dos banhos romanos*” que seria peça modelo para aulas de desenho na Academia das Belas Artes de Lisboa, coloca uma dúvida razoável de se poder tratar da estátua das *thermae cassiorum*, como bem observou Luís Jorge Gonçalves, na secção das esculturas desaparecidas, no seu trabalho de síntese sobre a escultura romana em Portugal<sup>44</sup>. Se era de facto a mesma peça, isso significa que teria permanecido em Lisboa, depois da partida das tropas francesas e inglesas e, certamente, haverá nos arquivos da Academia das Belas-Artes algum desenho da peça, que poderá ser útil, que mais não seja, para ensaiar uma datação mais precisa.

Se por Lisboa se conservou, estará ainda hoje em paradeiro incerto, talvez em colecção particular ou esquecida em algum depósito público. Esta é a busca que se impõe realizar e que, talvez, venha a dar frutos no futuro. Assim esperamos.

## REFERÊNCIAS

### Manuscritos:

Conjunto de documentação relativa às *thermae cassiorum*, Gaveta 8, nº 2 da Biblioteca Pública de Évora:

Doc. 5 Desenho de grande formato, com escala gráfica, das ruínas, com reprodução da inscrição in situ (s / identificação de autor);

Doc. 6 Cópia do mesmo desenho, de menor formato

Doc, 26 Cópia da inscrição com a referência à reconstrução do edifício termal

Doc. 27 Memória autógrafa de Manuel Roiz Maia, de 24 de Abril de 1776 (tem anexa uma nova transcrição da inscrição [Doc 28])

Doc 30 – Carta autógrafa de Caetano Jose de Mendes, de 1 de Maio de 1776, dirigida a Alexandre Ferreira de Faria Manoel contendo cópia da inscrição de Martiali, remetida para o Convento de Jesus. Refere que a ara apareceu no pátio do palácio arruinado dos Srs. De Murça (a copia da ara está em documento anexo [Doc.31]). Tem uma adenda referindo-se às termas dos Cássios.

Doc. 32 – Carta autógrafa de Caetano Jose Mendes, datada de 20 de Abril, endereçada a António Jose Correia, sobre uma inscrição aparecida na zona da Igreja

(44) GONÇALVES, Luís Jorge Rodrigues. *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*. Mérida, 2007, págs. 517-518.



de St. Antonio – IVLIA Q FAQVAE MATER. Apresenta também uma cópia da inscrição das Termas dos Cássios.

### Impressos:

- ACUÑA FERNÁNDEZ, Paloma. (1975) *Esculturas militares romanas de España y Portugal. I. – Las esculturas thoracatas*. Roma: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Delegación de Roma (Biblioteca de la Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, 16).
- ALARCÃO, Jorge de (1994) “Lisboa romana e visigótica”. In: Arruda, A. M. (dir.), *Lisboa Subterrânea – Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, págs. 58-63.
- AMARAL, Andreia. 2007. *A Josefinada de Manuel Rodrigues Maia: um poema joco-sério sobre um caso de plágio no final de setecentos*. Porto: Dissertação de Doutoramento em Literatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8799> (consultada em 12 de Janeiro de 2020).
- BELTRÁN FORTES, José; RODRÍGUEZ OLIVA, Pedro (2019) “Esculturas hispanorromanas de divindades en el sur de la Península Ibérica”. In: Schattner, Th. G.; Guerra, A. (Eds.) *Das Antlitz der Götter – O Rosto das Divindades. Götterbilder im Westen des Römischen Reiches – Imagens de divindades no Ocidente do Império romano*. Wiesbaden: Reichert Verlag (*Iberia Archeologica* 20), págs. 225-252.
- BEM, Thomaz Caetano de 1755. Notícia das Thermas ou banhos cassianos e outros monumentos romanos, modernamente descobertos na Cidade de Lisboa. In: Oliveira, Cristóvão Rodrigues de, *Svmnario em qve brevemente se contem algvas covsas (assi eclesiásticas como secvlares) qve há na cidade de Lisboa*, 2ª ed., Lisboa: Manuel da Conceição Editor, págs. 153-176.
- FABIÃO, Carlos 1994. “Ler as Cidades Antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa”. *Penélope – Fazer e Desfazer a História*, 13, págs. 147-162.
- FABIÃO, Carlos 2010. “Modelos Forenses nas Cidades da Lusitânia: Balanço e Perspectivas”. In: Nogales Basarrate, T. (Ed.) *Ciudad y foro en Lusitania Romana / Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, págs. 343-359.
- FABIÃO, Carlos 2013. “Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa”. In: Pimentel, M. C.; Alberto P. F. (eds.) *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*, Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2013, págs. 389-409.
- FARIA, António Marques de 2001. “Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (2), págs. 351-362.
- FERNANDES, Lúcia, 2009, “Capitel das *Thermae Cassiorum* de Olisipo (Rua das Pedras Negras, Lisboa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12 (2), págs. 191-207.
- FUIGUEIREDO, Borges de 1889. “As Thermas dos Cassios, em Lisboa”, *Revista Archeologica, Estudos e Notas*, Vol. III, págs. 153-154.
- FIANÇA, José-Augusto 1977. *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. 2ª ed., Lisboa: Bertrand.

- GÓIS, Damião de [1554] 1988. *Descrição da Cidade de Lisboa*, tradução de *Urbis Olisiponis Descriptio* (Évora, 1554) por José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte.
- GONÇALVES, Luís Jorge Rodrigues 2007. *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (*Studia Lusitana* 2).
- GONÇALVES, Luís Jorge 2019 “Na intimidade das esculturas: divindades Greco-romanas no território português na época romana”. In: Schattner, Th. G.; Guerra, A. (Eds.) *Das Antlitz der Götter – O Rosto das Divindades. Götterbilder im Westen des Römischen Reiches – Imagens de divindades no Ocidente do Império romano*. Wiesbaden: Reichert Verlag (*Iberia Archeologica* 20), págs.203-224.
- D’HOLANDA, Francisco [1571] 1984. *Da Fábrica Que Falece à Cidade de Lisboa*(manuscrito de 1571, inédito até 1879), edição de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte.
- MARCADÉ, J. 1978. *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas Évêque de Beja, Archevêque d’Evora*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português.
- MOITA, Irisalva; LEITE, Cristina 1986. “Recuperar Olisipo a Partir de Lisboa”. *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985)*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura / Secretaria de Estado da Cultura / Instituto Português do Património Cultural (*Trabalhos de Arqueologia* 03), págs. 55-67.
- NOGALES BASARRATE, Trinidad; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, José M<sup>a</sup>. 2013. Augusta Emerita: reflexiones sobre sus primeros tiempos. In: Cid López, R. M.; García Fernandez, E. (eds.) *Debita Verba. Estudios en Homenaje al Profesor Julio Mangas Manjarrés*. Oviedo: Ediciones de la Universidad de Oviedo, págs. 53-73.
- PEÑA JURADO, Antonio 2005. Imitaciones del Forum Augustum en Hispania: el ejemplo de Italica. *Romula* 4, págs. 137 – 162.
- PIWNIK, Marie-Hélène 1987. *Echanges Erudits dans la Péninsule Ibérique (1750-1767)*. Paris : Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais.
- REIS, Maria Pilar Miguel dos 2015. *De Lusitaniae urbium balneis : estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Coimbra : [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- <http://hdl.handle.net/10316/27119> (consultada em Janeiro de 2020).
- SILVA, A. Vieira da 1944. *Epigrafia de Olisipo (subsídios para a história da Lisboa romana)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- SILVA, A. Vieira da 1950. *A Sala do Risco*. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa.
- TRILLMICH, Walter 1995. Gestalt und Ausstattung des Marmorforums in Merida. Kenntnisstand und Perspektiven, *Madridrer Mitteilungen*, 36, págs. 269-291.
- TRILLMICH, Walter 1996. Reflejos del programa estatuario del Forum Augustum en Mérida. In: *II Reunión sobre Escultura Romana en Hispania*, Tarragona, págs. 95-108.
- ZANKER, Paul 1990. *The Power of Images in the Age of Augustus*. The University of Michigan Press, Ann Arbor (tradução de Alan Shapiro).